

Nelson Câmara

Organizador

Academia Mackenzista de Letras

AML

Copyright© 2023 by Nelson Câmara

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem a expressa autorização do(s) autor(es).

As imagens apresentadas nessa obra, podem não ter total legibilidade, devido ao período em que foram produzidas, e pelas condições de armazenamento, por se tratar de fotos históricas.

As marcas e produtos aqui citados pertencem a seus respectivos proprietários.

Diretor editorial

J. A. Tiradentes

Editor da obra

José Augusto Altran

Design

Fernando Dias

Fotos de capa e contracapa: José Augusto Altran

Revisão

Ciça Ferraz

Apoio à Pesquisa Histórica/revisão técnica

José Augusto Altran e Fernando Dias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Academia Mackenzista de Letras AML / [organização
Nelson Câmara]. -- 1. ed. -- Barueri, SP :
Tira de Letra Editora, 2023.

Vários autores.
ISBN 978-65-86950-30-6

1. Academia Mackenzista de Letras (AML) -
História I. Câmara, Nelson.

23-154281

CDD-869.906081

Índices para catálogo sistemático:

1. Academia Mackenzista de Letras : História
869.906081

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

tira de Letra
E D I T O R A

www.tiradeletra.com.br
contato@freepress.com.br
(11) 3021-4131 / (11) 98222-1701

Ives Gandra
da Silva
Martins

Cadeira nº 18
Patrono:
Francisco Rangel
Pestana

Francisco Rangel Pestana

Tive o privilégio de ter como patrono, em duas Academias – ou seja, na Academia Paulista de Letras, em que ingressei, em Maio de 1992, e na Academia Mackenzista de Letras, à qual tenho o privilégio de pertencer desde março de 2016 – a figura maiúscula de Francisco Rangel Pestana.

Fundou, então, com Sampaio de Abreu, Miguel Vieira Ferreira e Tales de Menezes, a Escola do Povo, localizada no Rio de Janeiro, onde o curso era gratuito e o ensino de qualidade defendido na instrução superior.

Houve uma tentativa, em 1874, de aquisição do *Correio Paulistano*, que pertencia a Joaquim Roberto de Azevedo Marques. Campos Salles e Rangel Pestana constituíram sociedade com 19 cotistas, tendo Rangel e Américo de Campos como os principais. A compra, entretanto, não se realizou.

Decidiram, então, o criar seu próprio jornal, em 1874, cujo primeiro número circulou em 04 de janeiro de 1875. Seu nome, *A província de São Paulo* que, após a proclamação da República passou a chamar-se *O Estado de S. Paulo*, nome que ostenta até hoje. Ele e Américo de Campos foram os redatores do jornal por muitos anos. Em 1879, dos 19 co-mandatários da sociedade de 1874, passaram a restar apenas 11 e, em 1882, Rangel Pestana passou a ser o maior cotista (18/01), Nesse ano foi eleito como deputado provincial, com Prudente de Moraes, Campos Salles, Pinheiro Machado, Toledo Piza e Silva Prado Jr. para a bancada republicana da Assembleia Provincial Paulista.

Alberto Salles, irmão do futuro presidente, adquiriu a maioria do capital do jornal em 1884 e trouxe, em 1885, Júlio Mesquita para seu redator de política. Júlio Ribeiro, famoso escritor, atacou, na época, o Partido Republicano, o jornal e especialmente Rangel Pestana. Alberto Salles escreveu a resposta – as históricas *Cartas a Júlio Ribeiro* –, tendo o apoio de Júlio de Mesquita, que assinava, então, sob o pseudônimo de Diderot.

Os ataques desferido por Alberto Salles à comunidade portuguesa levou os empresários portugueses a boicotar o jornal, fazendo-o deixar o jornal e Rangel Pestana passou a responsabilizar-se pessoalmente por ele. Júlio Mesquita, todavia, de família descendente de portugueses, trouxe de novo os assinantes portugueses e salvou o jornal da falência.

Em 1886, era o jornal de maior tiragem na província, pois abrangendo, todos dias, política, economia, cultura etc. Em 1886, Rangel foi eleito novamente deputado provincial, tendo sido responsável pelo projeto de reorganização da instrução pública em São Paulo.

O Partido Republicano pretendeu a separação de São Paulo da União, com oposição de Júlio Mesquita e pedido de melhor reflexão por Francisco de Rangel Pestana, tendo Francisco Glicério conseguido adiar uma tomada de posição definitiva do Partido.

O jornal continuou combatendo a escravidão. Em 1888, a empresa Rangel Pestana & Cia. passou a controlá-lo. Seu redator e gerente passou a ser Júlio Mesquita.

Com a proclamação da República, foi designada uma Junta provisória para governar São Paulo, constituída por Rangel Pestana, Prudente de Moraes e o Coronel Souza Muniz (18/01 a 19/12), até a posse do Governador da Província, nomeado por Deodoro da Fonseca: Prudente de Moraes.

Rangel Pestana sugeriu a Prudente de Moraes a criação de escolas normais e profissionais, pois entendia que só pela educação, o país evoluiria. Prudente pediu-lhe para providenciar a reforma da escola normal.

Nestes primeiros tempos da República, Rangel Pestana foi escolhido por Deodoro para participar da Comissão que elaboraria o anteprojeto da Constituição de 1891, tendo se mudado para Petrópolis e passado as suas funções, no jornal, para Júlio de Mesquita.

Eleito Senador por São Paulo, em 15 de setembro de 1890, ao Congresso Nacional Constituinte (1890 a 1893), dedicou-se aos trabalhos com afincos até a promulgação da lei suprema em 24 de janeiro de 1891. Voltando a São Paulo, reassumiu suas funções no *O Estado de S. Paulo* mas, desgostoso após ter adaptado o jornal com novas máquinas, cedeu sua participação à empresa do Coronel Carlos Teixeira de Carvalho, deixando o jornalismo com um artigo de despedida em que não declinava, todavia, de permanecer na luta política.

Quando, em 03 de dezembro de 1891, Deodoro fechou o Congresso Nacional, decretando o Estado de Sítio, colocou-se ao lado dos legalistas contrários ao que denominaram de Golpe e, na casa de Domingos de Moraes, senadores e deputados realizaram um manifesto à nação publicado pelo Correio Paulistano. Deodoro veio a renunciar, em função da crise, passando o poder para Floriano Peixoto, seu vice. Em 1892, Rangel Pestana, por seu lado, renunciou à sua cadeira de Senador e não aceitou a sua indicação para Ministro do Supremo Tribunal Federal, por Floriano Peixoto.

O mesmo Floriano Peixoto pretendeu lança-lo candidato à presidência da República, o que também não aceitou. Tornou-se redator-chefe do jornal *O Tempo*, abrindo polêmica em São Paulo com o governador Américo Brasiliense, que respondia às suas críticas pelo jornal *Opinião Nacional*.

Novamente eleito Senador, em 1892, perdeu o mandato quando aceitou a nomeação para vice-presidente do Banco da República do Brasil. Sua vaga no Senado foi preenchida por Rodrigues Alves.

Em 23 de janeiro de 1894, assumiu a presidência do Banco com a morte de Souza Dantas, seu presidente de então.

Na permanente luta por seus ideais, em 21 de setembro de 1895, deixou a presidência do Banco por divergências com Rodrigues Alves, então Ministro da Fazenda, sendo substituído por Afonso Pena, após interinidade de Fernando Lobo. Voltando a São Paulo, tornou-se advogado do Banco da República e passou a escrever no *Lavoura*, no *Diário Popular* e na *Gazeta de Notícias*. Um livro com os seus artigos foi intitulado *A reação e a política do Marechal Floriano*. Em 1899, foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro para completar mandato pela renúncia de Francisco Barcelos (03/05 e 31/10) e foi reeleito para o Legislativo de 1900-1902. Mas, em 1º de outubro de 1890, renunciou, mais uma vez, a seu mandato para ser novamente reeleito em 31 de março de 1901 para a Câmara dos Deputados. Exerceu a vice-presidência do Rio, em 1902, e foi sufragado, em 1901, como senador, para um mandato que começou em 1º de julho de 1902 e que, desta vez, exerceu até a sua morte.

No Senado, defendeu as propostas de estímulo à exportação de Rodrigues Alves e pretendeu estabelecer uma política monetária, com absoluto controle da moeda pelo governo.

Faleceu em 17 de março de 1903, em São Paulo, no exercício do mandato de Senador.

Este é, em breves linhas, o retrato da figura maiúscula de meu patrono Rangel Pestana. Espírito irrequieto, idealista, com teses humanistas claras na luta contra a escravatura, tendo libertado todos os escravos que recebeu de herança, décadas antes da Lei Aurea, jornalista de vocação, político inconformado com a falta de patriotismo de alguns de seus pares – daí o número elevado de renúncias a mandatos eletivos – fundou, todavia, o jornal que na história brasileira mais representou o verdadeiro jornalismo de permanente vigilância da democracia.

Tive como patrono da Academia de Letras da Faculdade de Direito do Largo São Francisco – sou hoje honorário, pois os efetivos só podem ser estudantes – em uma das 25 cadeiras, a figura de Julio de Mesquita, companheiro de letras jornalísticas e republicanas de Rangel Pestana. E tenho, na Paulista de Letras e na Mackenzista de Letras, a figura plutarquiana de Rangel Pestana.

Como advogado e escritor, sempre escrevi artigos para jornais, desde os acadêmicos até os grandes veículos da história do jornalismo brasileiro, como o *Correio Paulistano*, *Gazeta*, *Zero Hora*, *Gazeta do Povo*, *Correio Braziliense*, *Globo*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta Mercantil*, *Correio do Povo* etc.

Minha atividade de articulista, todavia, com mais de 3.000 artigos escritos durante toda a minha vida, foi principalmente para a *Folha de S. Paulo* e, ainda, com maior frequência, para *O Estado de S. Paulo*, onde desde os tempos em que presidi o Partido Libertador em São Paulo (1962/64), cujo presidente nacional era o deputado Raul Pilla, foi o jornal que sempre permitiu que levasse meus ideais políticos, jurídicos, econômicos, culturais e literários às suas páginas.

Desde o velho Júlio de Mesquita Filho, passando por seus filhos Júlio e Ruy e netos, assim como por Antonio Carlos Pereira e outros editores, a convergência de ideais sempre foi o ponto forte dos temas que por suas páginas veiculei.

Assim é que, com particular alegria, escrevo para o livro dos patronos da AML sobre Rangel Pestana, figura ímpar na história brasileira, que auxiliou a forjar a identidade de nossa nação.

Repito: se Plutarco fosse vivo, uma das vidas paralelas sobre as quais escreveria seria a de Francisco Rangel Pestana, brasileiro que dedicou sua vida à pátria, ensinando às futuras gerações o que é o exercício da cidadania.